

Novos ataques da Renamo, Veloso reúne com Botha

Expr.
30/4/89

DURAMENTE criticada, nas duas últimas semanas, por políticos e funcionários governamentais norte-americanos, a Renamo voltou a matar terça-feira, na região de Maluane, 50 quilómetros a norte de Maputo. O balanço provisório do ataque contra uma coluna de civis era de 15 mortos e 14 feridos, cinco dos quais em estado grave.

A região de Maluane tem sido, nos últimos meses, alvo de vários ataques dos rebeldes moçambicanos, o penúltimo dos quais, a 16 de Abril, contra um autocarro de passageiros, fez quatro mortos e 16 feridos.

Na semana passada, um relatório do Departamento de Estado norte-americano concluía que os rebeldes mataram cerca de 100 mil civis moçambicanos e provocaram a fuga do país de perto de um milhão de pessoas.

No mesmo dia em que a Renamo lançava a sua última acção conhecida, Roy Stacy, vice-secretário de Estado adjunto dos EUA para os Assuntos Africanos, classificava a situação criada por aquela organização, em Moçambique, como «

mais brutal holocausto contra seres humanos comuns desde a II Guerra Mundial». E adiantou: «Estejam onde estiverem (alguns deles estão nos próprios EUA), os apoiantes da Renamo não podem lavar o sangue que têm nas mãos, a menos que cesse imediatamente todo o apoio a esta violência incomensurável».

Doadores reforçam ajudas

Stacy falava numa conferência internacional, promovida pela ONU com o objectivo de conseguir 380 milhões de dólares de ajuda para Moçambique. Este ano, disse Stacy, os EUA (o maior dador de alimentos à ex-colónia portuguesa) irão conceder uma ajuda alimentar de cerca de 78 milhões de dólares.

A situação actual em Moçambique levou esta semana alguns doadores ocidentais a abandonar as vias típicas de auxílio e a optar por gastar mais dinheiro e conceder ajuda militar a Maputo. A Grã-Bretanha, que já está a treinar soldados moçambicanos, vai despendor dois milhões de libras em veículos, sistemas de comunicação e uniformes para o

Exército da Frelimo, destinando-se três oitavos dessa ajuda à protecção da linha férrea do Limpopo, na qual participam tropas do Zimbabué. Portugal, Espanha e Itália irão também treinar e ajudar a equipar os soldados moçambicanos. E até a Suécia e o Canadá, países tradicionalmente avessos à concessão de auxílios deste tipo estão agora dispostos a gastar dinheiro para defesa dos seus projectos em Moçambique.

Maputo-Pretória

Observadores em Maputo pensam, entretanto, que se poderá estar «no limiar de uma nova aproximação» entre Moçambique e a África do Sul, que talvez venha a conduzir «à retirada do apoio de Pretória à Renamo».

O ministro moçambicano da Cooperação, Jacinto Veloso, esteve esta semana na Cidade do Cabo, onde entregou ao Presidente Pieter Botha uma mensagem do seu homólogo de Maputo, Joaquim Chissano. A possibilidade de uma cimeira dos dois Chefes de Estado —



Jacinto Veloso, com «Pik» Botha (à esquerda) e Magnus Malan (à direita), durante uma reunião preparatória dos acordos de N'Komati

que se prevê possa realizar-se em breve, embora não haja indicações quanto ao local ou à data, foi um dos pontos da agenda de conversações.

De regresso ao seu país, Jacinto Veloso disse terem sido dados passos importantes para uma reapro-

ximação Maputo-Pretória e para a reactivação dos Acordos de Segurança de Nkomati, assinados em 1984 por Botha e o falecido Presidente Samora Machel. Segundo o ministro moçambicano, Pieter Botha mostrou-se receptivo às propostas de Maputo com vista ao de-

sanuviamento entre os dois países, tendo-se comprometido a analisar todos os pontos apresentados, entre os quais figurava a preocupação de Moçambique relativamente ao apoio sul-africano à Renamo.